



- CRIAÇÃO

# PONTO CEGO

**Maraíza Labanca\***

■ **A**manheci com o coágulo, uma mancha vermelha de sangue perto da coroa do olho, onde deveria restar apenas o puro branco. Em um ponto assimétrico, o coágulo alguma coisa anuncia?

Mas um coágulo poderia ser ainda um tremor nas mãos, uma rouquidão da voz, alguma coisa na engrenagem da vida que gira em falso e arrebenta os gestos rotineiros: a firmeza da mão, a pureza da cor, a simetria dos desenhos, a possibilidade de dizer. Arrebenta as veias.

O coágulo retém tudo ali, no espaço informe, porém circunscrito, de um sangue derramado, mas contido, dentro. E é mínimo, mas expõe, com a força da sua cor e do seu aspecto informe de mancha, toda a fragilidade do que chamamos corpo. Faz isso também justamente porque brinca com os limites de dentro e fora. O coágulo é o dentro fora do seu lugar. É o dentro estando fora. É a irrupção do que não deveria irromper.

Às vezes olho-o sem piscar e ele cresce, está tomando conta de tudo, deformando primeiro minha íris, depois minhas pálpebras até alcançar o rosto por completo. O pesadelo deve ter o mesmo funcionamento.

Outras vezes olho-o e convenço-me de que diminuiu. Então fico tranquila. Penso que estou curando-me e que não ficarei cega, nem louca, e poderei ainda trabalhar, ler, despertar-me. Mas ninguém desperta de uma insônia.

Na maior parte das vezes, entretanto, não é isso o que acontece. Preencho-me toda nesse ponto vermelho e estou perdida, a expor, com toda nudez, meu dentro devassado, numa exterioridade obscena, desmesurada, a invadir os humores dos outros, como qualquer desastre sobre a rotina – o sangue não pode estar aí, do lado de fora. Assim, derramando sem estar.

Invento, depois de avistá-lo, uma dor nos olhos. E também se espalha, na contracorrente da cura, contracura, oferecendo o seu dentro para tudo o que é

\* Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG – Brasil. E-mail: maraizalabanca@gmail.com.

de fora, como um tûmulo. O coágulo é o tûmulo crescente das formas e retêm tudo: o meu nome e, ao mesmo tempo, o deserto. O meu nome e, ao mesmo tempo, o meu fora. A minha visão e a minha cegueira. O íntimo e o intruso. O caco de vidro que o cria e a perfeição do contorno de uma íris. O pasmo e o antipasma. Todos os medos e tudo o que sei e conheço bem. É a extensão do meu desespero em um ponto localizado. É uma razão, é a vazão de minha doença, o inferno contido no tempo que não domino. É o amor e tudo que dele não posso saber. É um deixar de ser.

Amanhã, talvez, eu sei, ele não estará mais em meu olho direito e simulará, com sua partida, a devolução das coisas a uma ordem de vida. No entanto, mesmo que se vá, não poderei mais deixar de voltar ao que foi sua casa e de tentar infinitamente defini-lo. Fadada ao fracasso, minha tentativa vai ser sempre barrada pela impossibilidade de por fim nela mesma.

– É ele que me vê.

Recebido em abril de 2012.

Aprovado em abril de 2012.